

A brincadeira possui grande importância no desenvolvimento social, cognitivo, motor e emocional infantil. Na ontogenia, é possível identificar que a brincadeira desenvolve-se nos níveis exploratório, funcional e simbólico. No entanto, a criança com autismo apresenta prejuízos nessa habilidade. Em especial, destacam-se os déficits na brincadeira simbólica. Diante disso, o presente estudo procurou examinar a brincadeira de crianças com autismo. Para tanto, participaram 10 crianças do sexo masculino, com idades de 3 a 8 anos. Foram observados vídeos da brincadeira das crianças, que ocorreu na presença de um estranho. O material analisado provém de um banco de dados. Para a análise, foi utilizado o Protocolo de Observação Para Crianças Com Suspeita de TID, que engloba três áreas: interação social/comunicação/linguagem, relações com os objetos/brincadeira e comportamento estereotipado/auto-lesivo. Para fins do presente estudo, foram analisados apenas os itens da área “relações com os objetos/brincadeira”. Os resultados mostraram que a maioria das crianças com autismo manipula pouca quantidade dos objetos disponíveis no ambiente, sendo que a forma como ocorre essa manipulação variou entre formas ‘típicas’, ‘alternadamente típicas e atípicas’ ou ‘predominantemente atípicas’. Notou-se, também, que a maioria das crianças observadas opera ocasionalmente os objetos de forma funcional. Além disso, os resultados demonstraram que há pouca evidência de brincadeira simbólica no brincar dessas crianças. Quando essa ocorre, são eventos isolados que partem da iniciativa do adulto, embora fosse esperado que crianças nessa faixa etária já apresentassem uma brincadeira simbólica mais elaborada. Os resultados encontrados corroboraram os dados da literatura, demonstrando o prejuízo na brincadeira simbólica. Contudo, salienta-se a importância do papel do adulto no sentido de eliciar o desenvolvimento dessa habilidade.